

A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS SOB UM VIÉS BAKHTINIANO

RESEARCH IN HUMAN SCIENCES IN A BAKHTINIAN APPROACH

Terezinha da Conceição Costa-Hübes¹

Resumo: Compreender e interpretar comportamentos, atitudes, discursos, ações e expectativas de sujeitos em situações de uso da linguagem configuram-se como objetivos de uma pesquisa qualitativa que se sustenta na teoria bakhtiniana e nas especificidades do conhecimento produzido pelas ciências humanas. Assim sendo, intencionamos, por meio deste texto, tecer reflexões teóricas sobre pesquisas nessa área do conhecimento que se inscrevem na teoria de Mikhail Bakhtin. Olhamos para o texto (enunciado) como a realidade imediata da manifestação da linguagem e, conseqüentemente, como o ponto de partida de toda pesquisa que considera o sujeito e seus movimentos de interação. Como orientação metodológica, exploramos o método sociológico que apresenta uma ordem possível para o estudo da linguagem que, neste contexto, é compreendida como social, viva e historicamente situada.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; Pesquisa em ciências humanas; Teoria bakhtiniana.

Abstract: Understanding and interpreting behaviors, attitudes, discourses, actions and expectations of subjects in situations of language use are the objectives of a qualitative research that is based on Bakhtin's theory and on the specificities of the knowledge produced by human sciences. Therefore, we intend, in this paper, to make theoretical reflections on researches in this area of knowledge that are enrolled in the theory of Mikhail Bakhtin. We look upon the text (utterance) as the immediate reality of language manifestation and, consequently, as the starting point of every research that considers the subjects and their interaction movements. As our methodological orientation, we use the sociological methodology, that presents a possible order to study language which, in this context, is understood as social, alive and historically situated.

Keywords: Qualitative research; Research in the human sciences; Bakhtin's theory.

1 Introdução

Ao colocarmo-nos na condição de refletir sobre a construção de uma epistemologia em ciências humanas sustentada pela filosofia da linguagem e, mais especificamente, por Mikhail Bakhtin, estamos assumindo o desafio de refletir sobre o objeto de estudo que orienta as pesquisas nessa área e sobre o método que organiza as investigações.

Bakhtin (2003) defende que o objeto de estudo das ciências humanas é “[...] o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2003, p. 395, grifos do autor). Nessa compreensão reside a ideia de que se queremos estudar a linguagem e sua manifestação viva,

¹ Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora do Programa de Pós-graduação e do Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: tehubes@gmail.com

precisamos, antes de tudo, olhar para o sujeito que planeja, projeta, organiza e manifesta seu discurso, o qual se concretiza em textos-enunciados. É nessas manifestações que o sujeito, segundo Bakhtin, se auto revela, sempre motivado pela situação de interação que o envolve.

Logo, ao considerarmos um texto-enunciado como ponto de partida para uma pesquisa em ciências humanas, estamos, antes de tudo, olhando para sujeito(s) que, em determinado momento sócio-histórico e ideológico, ancora(m) sua intenção enunciativa, validando, assim, o projeto de dizer. Tendo em vista o papel social que cada sujeito ocupa na sociedade e a realidade que o cerceia, não há como desvincular o estudo das condições em que o texto-enunciado foi produzido. Assim, falar da pesquisa em ciências humanas subsidiada pelo viés bakhtiniano significa considerar não só a manifestação verbal do sujeito, mas também o contexto extraverbal que o envolve e que incide diretamente sobre o dizível.

Nessa perspectiva, neste texto, refletimos, primeiramente, sobre o objeto de estudo em ciências humanas, sustentado pela teoria de Mikhail Bakhtin; em seguida, olhamos para o método sociológico e as orientações que o subsidiam; e, finalmente, apresentamos algumas orientações de análise de texto(s)-enunciado(s), seguindo a ordem metodológica para o estudo da língua, conforme propõem Bakhtin e Volochinov (2004).

2 O objeto de estudo em ciências humanas, segundo Bakhtin

Ao considerar o *ser expressivo e falante* como objeto de estudos em ciências humanas, estamos partindo da premissa de que dois sujeitos se encontram na construção do conhecimento: de um lado, o pesquisador, ávido por mais conhecimentos; de outro, o pesquisado que se auto revela por meio de seu discurso. Esse discurso, por sua vez, se materializa em textos-enunciados que, segundo Bakhtin (2003), devem ser tomados como o ponto de partida para a pesquisa em ciências humanas:

[...] estamos interessados na especificidade das ciências humanas, voltado para pensamentos, sentidos e significados dos outros, etc. realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de texto. Independente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, *só o texto pode ser o ponto de partida* (BAKHTIN, 2003, p.308, grifos nosso).

Conforme o autor, é no texto-enunciado que o sujeito materializa sua linguagem e valida seu projeto de dizer, ancorando sua intenção enunciativa. Todavia, esse sujeito, por ser social e por organizar o seu discurso a partir desse lugar social que ocupa, projeta

nele suas ideologias, seus valores, suas vontades, suas verdades que são resultantes de sua formação cultural. Assim, ao considerarmos o texto-enunciado como ponto de partida para uma pesquisa em ciências humanas, devemos atentar-nos para esse sujeito e o contexto que envolve a ele e a seu discurso: lugar, momento histórico de produção, interlocutor(es), motivações, interesses, valores etc.

Bakhtin (2003) considera que a realidade circundante do sujeito e de seu discurso se revela no texto-enunciado por ele produzido, pois, para o autor, “O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento. *Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento*” (BAKHTIN, 2003, p. 307, grifos nossos). É no texto-enunciado, portanto, que a realidade do sujeito e da linguagem se apresenta em sua totalidade. Logo, “Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas” (BAKHTIN, 2003, p.312). Isso significa que se queremos compreender o sujeito em uma pesquisa, o caminho que nos levará até ele é a linguagem, pois ao manifestar-se para o outro, revela seu modo de ver o mundo, de ver o outro, de compreender a realidade. Por isso, é importante que a ênfase da análise recaia sobre o lugar social ocupado por esse sujeito, sua posição axiológica, o contexto que o envolve, a cultura que nele se projeta, as atitudes valorativas que assume, seu modo de compreensão da vida social, enfim, sua postura autoral assumida no texto-enunciado que produz.

Todavia, conforme postulam Souza e Abulquerque (2012), o pesquisador deve manter uma certa distância desse sujeito, pois “[...] abrir-se para o outro é, neste caso, permanecer também voltado para si” (SOUZA; ABULQUERQUE, 2012, p. 110). Em outras palavras: o pesquisador não deve esquecer seu papel social naquele momento da pesquisa que é muito mais de observador. Nessas condições, o pesquisador não pode perder de vista que também é um sujeito inserido em determinado contexto que o impele a compreender e a interpretar determinada realidade. E que essa compreensão e interpretação serão orientadas pelo seu conhecimento, suas experiências de vida, suas vivências, valores e ideologia. Assim sendo, o texto-enunciado do outro será lido a partir de seu próprio horizonte apreciativo. Conforme diz Bakhtin (2003): “[...] o ser da expressão é bilateral: só se realiza na interação de duas consciências (a do eu e a do outro); a penetração mútua com manutenção da distância; é o campo de encontro de duas consciências, a zona de contato interior entre elas” (BAKHTIN, 2003, p. 395-396). Esse contato entre os dois sujeitos – pesquisador e pesquisado – na construção do

conhecimento, exige que ambos estejam cientes de que a pesquisa em ciências humanas lida com respostas provisórias possíveis de serem captadas no contexto em estudo. A densidade e a profundidade do que é revelado corresponde àquilo que o sujeito pesquisado permite revelar, já que ele, de acordo com Bakhtin (2003), não pode ser forçado a expor-se.

Nesse sentido, Souza e Abulquerque (2012) asseveram:

O pesquisador do campo das ciências humanas está, portanto, transitando no terreno das descobertas, das revelações, das tomadas de conhecimento, das comunicações, das produções de sentido entre o eu e o outro. Neste âmbito, vale destacar a importância dos segredos, das mentiras, das indiscrições, das ofensas, dos confrontos de pontos de vistas que inevitavelmente acontecem nas relações entre humanos (SOUZA; ABULQUERQUE, 2012, p. 110).

O encontro do pesquisador com o outro (o sujeito pesquisado), de duas consciências, como diz Bakhtin (2003), revela a complexa inter-relação entre dois textos-enunciados: daquele que está sendo tomado como objeto de estudo, de reflexão; e do outro que está sendo produzido, o qual reage, criando a partir do dado. Nas palavras do autor, “É um encontro de dois textos – do texto pronto e do texto criado, que reage; conseqüentemente, é o encontro de dois sujeitos, de dois autores” (BAKHTIN, 2003, p.311). A interação entre os dois textos-enunciados configura-se em uma relação dialógica de compreensão.

Por dialogismo entendemos o encontro de vozes, discursos, enunciados que ancoram um projeto discursivo; são as reenunciações dos já-ditos que se (re)organizam e se projetam na construção arquitetônica de um texto-enunciado; mas são também as relações que se estabelecem entre o eu e o outro na produção de um texto-enunciado, uma vez que todo discurso está voltado para uma resposta, o que faz com que seja determinado pelo ainda não dito. Bakhtin assim explica:

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda vida da linguagem, qualquer que seja seu campo de emprego, está impregnada de relações dialógicas (BAKHTIN, 2010, p. 209).

O dialogismo, portanto, representa essa dinamicidade da linguagem que se mantém viva nas reproduções discursivas, “[...] nas relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos” (BRAIT, 2005, p. 95). Logo, não há como pensar o ser humano fora das relações sociais que estabelece com a linguagem na interação com o(s) outro(s). É nesse processo de interação que o sujeito se humaniza, participa da vida em sociedade e toma consciência do outro e de si mesmo.

Olhar para o sujeito e seu texto-enunciado em uma pesquisa requer, portanto, que consideremos o discurso como impregnado de outras vozes, expressões, paixões que nele se instauram e se reenunciam. Como diz Bakhtin: “Cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos” (BAKHTIN, 2003, p.400).

Da mesma forma, o texto-enunciado produzido pelo pesquisador é sustentado por outras vozes, outros discursos que, ao se projetarem nesse novo contexto enunciativo, provocarão outros efeitos de sentidos que serão validados pela sua re-enunciação. O autor-pesquisador, ao escrever sua tese, dissertação, artigo científico, monografia ou projeto de pesquisa, apropria-se da palavra do outro de forma direta (por meio de citação direta) ou reelabora-a (por meio de citação indireta, paráfrase), ou, ainda, absorve-a, infiltrando-a de tal forma em seu discurso que passa a ser palavra sua. E assim a palavra transfigura-se nesse novo contexto. Todavia, conforme Bakhtin e Volochinov,

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. [...] *A palavra vai à palavra*. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 147, grifos nossos).

É nessas condições, então, que um novo texto-enunciado é criado, ampliando-se o diálogo entre os sujeitos e, conseqüentemente, o campo de conhecimento.

Assim, se estamos considerando o texto-enunciado como a porta de entrada ou o ponto de partida para compreender o sujeito – *ser expressivo e falante* – como objeto de estudos em ciências humanas, que método adotar para as pesquisas que se inscrevem nessa área, sob tal orientação teórica? Pautando-nos nos postulados bakhtinianos, apresentamos uma resposta a essa questão nas seções seguintes.

3 O Método Sociológico: dimensão social

Ao considerarmos o texto-enunciado como o ponto de partida para as pesquisas em ciências humanas, devemos lembrar que todos se inscrevem em um gênero discursivo que, por sua vez, corresponde ao campo de atividade humana em que são produzidos. Nessa direção, Bakhtin (2003) defende a importância do reconhecimento da natureza do texto-enunciado no estudo da língua; Volochinov e Bakhtin (1926) ressaltam a necessidade de não perdemos de vista sua dimensão extraverbal. Conforme Rodrigues, “Não se pode compreender o enunciado sem correlacioná-lo com a sua situação social,

pois o discurso, como fenômeno de comunicação social, é determinado pelas relações sociais que o suscitaram. O discurso é um acontecimento social” (RODRIGUES, 2001, p. 20).

Para orientar nessa direção, Bakhtin e Volochinov (2004) apresentaram-nos um método para o estudo da língua que, posteriormente, foi reconhecido como “método sociológico”. Segundo os autores:

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta [...]. Disso decorre que *a ordem metodológica para o estudo da língua* deve ser o seguinte:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de falas isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos [...]
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 124, grifos nossos).
- 4.

Quando nos reportamos às “[...] formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza”, interpretamos essa orientação como um alerta para a necessidade de considerarmos, no estudo da língua, o contexto extraverbal do texto-enunciado. Para Volochinov e Bakhtin (1926), só a análise do aspecto verbal de um enunciado é insuficiente, pois ele depende de seu contexto extraverbal para significar.

A situação pragmática extraverbal do enunciado apontada pelos autores é mencionada por Rodrigues (2001) como *dimensão social* que, segundo a autora, ultrapassa os elementos linguísticos e incorpora os elementos extralinguísticos que envolvem toda a situação de produção do texto-enunciado em estudo e, por isso, exercem determinações sobre o gênero. A dimensão extraverbal é tão importante para o enunciado quanto seus elementos expressos, materializados, que podemos perceber visualmente. Nesse sentido, Rodrigues (2001) defende:

Para além de uma parte verbal expressa (exprimida, materializada), fazem parte do enunciado, como elementos necessários a sua constituição e a sua compreensão total, isto é, à compreensão do seu sentido, outros aspectos constitutivos do enunciado, que se pode denominar como a sua dimensão extraverbal, ou a sua dimensão social constitutiva (RODRIGUES, 2001, p. 22, grifo da autora).

Trata-se, assim, de um horizonte presumido que engendra o enunciado com a vida, impregnando-o de atitudes valorativas advindas do sujeito que o produz. Nesse espaço do não dito, do presumido, é que muitas atitudes se revelam, mesmo que sem palavras; ou que influenciam na maneira de dizer, na seleção das palavras, na escolha do gênero, enfim, na produção do texto-enunciado.

Segundo Volochinov e Bakhtin (1926), o contexto extraverbal compreende três fatores, conforme representamos na figura 1:

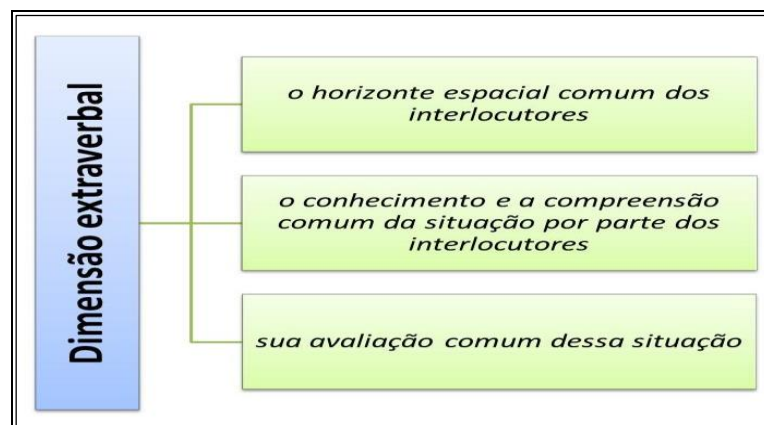


Figura 1: Dimensão extraverbal de um texto enunciado

Fonte: Organizado pela pesquisadora com base em Volochinov e Bakhtin (1926)

Esses três elementos, apresentados para explicar o que envolve a dimensão extraverbal de um texto-enunciado, são resumidos pelos autores como “conjuntamente visto”; “conjuntamente sabido”; e “conjuntamente avaliado” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 7). Trata-se, assim, segundo eles, dos elementos que são captados da real situação que envolve a produção do discurso, os quais implicam na sua organização e lhe dão sustentação, mesmo que não sejam expressos verbalmente. Pode ser definido como uma relação entre o dito e não-dito.

Nesse sentido, podemos nos perguntar: por que, para o pesquisador, é importante ter conhecimento da situação extraverbal para compreender o texto-enunciado em estudo? A esta pergunta, a resposta corresponde ao papel assumido pelo pesquisador no contexto da pesquisa: é necessário que ele se coloque como um coenunciador do autor, já que procura dialogar com o objeto em estudo. Sendo assim, o pesquisador precisa inserir-se no horizonte espacial e temporal do autor para melhor compreender e avaliar a situação discursiva, pois, parte-se da premissa de que “[...] qualquer que seja a espécie, o enunciado concreto sempre une os participantes da situação comum como *co-participantes* que conhecem, entendem e avaliam a situação de maneira igual” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 8, grifos dos autores).

Rodrigues (2001), a partir dos três elementos apontados por Volochinov e Bakhtin (1926), estabeleceu as seguintes categorias para a análise/compreensão de um enunciado:

- a) *horizonte espacial e temporal*: corresponde ao onde e quando do enunciado;
- b) *horizonte temático*: corresponde ao objeto, ao conteúdo temático do enunciado (aquilo de que se fala);

c) *horizonte axiológico*: é a atitude valorativa dos participantes do acontecimento (próximos, distantes) a respeito do que ocorre (em relação ao objeto do enunciado, em relação aos outros enunciados, em relação aos interlocutores) (RODRIGUES, 2001, p.24, grifos nossos).

Ao atentarmos para as palavras da autora e recorrermos ao que foi expresso por Volochinov e Bakhtin (1926), interpretamos que, para a compreensão de um enunciado, é importante, então, que os interlocutores envolvidos (autor e pesquisador) tenham conhecimento do lugar que ou sobre o qual estão falando; e, da mesma forma, compartilhem/recuperem o tempo do qual/sobre o qual falam, ou seja, que *o horizonte espacial e temporal* seja comum aos interlocutores. Em relação àquilo que Rodrigues (2001) denominou de *horizonte temático*, entendemos que os envolvidos na interação devem partilhar, ter conhecimento, compreender a situação da qual/sobre a qual falam. Trata-se de um “conjuntamente sabido”, conforme denominaram Volochinov e Bakhtin (1926). E, finalmente, o *horizonte axiológico*, conforme denominou Rodrigues (2001), corresponde àquilo que os autores definiram como *uma avaliação comum dessa situação*, ou, em outras palavras, “unanimemente avaliado” pelos interlocutores, mesmo que essa avaliação seja compartilhada em apenas alguns aspectos, uma vez que cada avaliação é única, já que ela corresponde ao horizonte apreciativo dos envolvidos na interação.

Ampliando essas reflexões, Volochinov e Bakhtin (1926) afirmam que nem sempre o discurso verbal reflete a situação extraverbal. Há casos em que é preciso que os interlocutores estejam diretamente envolvidos com o ato enunciativo e que atuem como coparticipantes que conhecem e compartilham daquela situação discursiva. Segundo os autores,

A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 6).

Nessas condições, segundo os autores, o enunciado “[...] *depende de seu complemento real, material, para um e o mesmo segmento da existência e dá a este material expressão ideológica e posterior desenvolvimento ideológico comuns*” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 6, grifos dos autores). Logo, o extraverbal não age sobre o enunciado de fora, mas se integra a ele como parte constitutiva essencial à sua significação. Essa parte presumida do enunciado revela, portanto, as emoções dos envolvidos na interação, bem como os valores, as entonações e as avaliações sociais da vida.

Os três elementos – *horizonte espacial e temporal*, *horizonte temático* e *horizonte axiológico* – correspondem àquilo que não está expresso verbalmente no texto, mas que incide diretamente sobre as escolhas linguístico-discursivas do autor do texto, ou seja, sobre a dimensão verbal (ou verbo visual), conforme especificamos a seguir.

4 O Método Sociológico: dimensão verbal (ou verbo visual)

Sem perder de vista sua relação direta com a dimensão social, na análise da dimensão verbal de um texto-enunciado o olhar do pesquisador deve voltar-se para o estudo dos elementos constituintes do gênero discursivo (no qual o texto-enunciado se organiza) que foram pontuados por Bakhtin (2003) como: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

O conteúdo temático – ou tema da enunciação – é sustentado pelos condicionantes do extraverbal, pois a partir deles o sujeito organiza seu projeto de dizer, estabelecendo sua unidade de sentido e sua orientação ideológica específica. Por estar diretamente ligado ao enunciado, “[...] o tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 124), uma vez que representa uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação.

Segundo Acosta-Pereira (2012), o conteúdo temático diz respeito

[...] ao modo como o gênero seleciona e trata discursivamente elementos da realidade [...] Todo gênero tem um conteúdo temático, que corresponde ao objeto do discurso, à finalidade discursiva do gênero e a sua orientação de sentido específica para com esse objeto e com os participantes da interação. O objeto do discurso, dessa forma, é um dos elementos de constituição do conteúdo temático dos gêneros do discurso (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p.157-158).

Falar do conteúdo temático é refletir sobre os elementos contextuais que se apresentam na composição do texto-enunciado. Para Bakhtin e Volochinov (2004), não há como apreendermos o tema de um enunciado se desconsiderarmos os elementos que estão presentes na situação, pois, “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ele pertence. Somente a enunciação tomada em toda sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 124). Logo, não há como tratar do tema, distanciando o texto-enunciado de seu contexto de produção.

O estilo, outro elemento constituinte do gênero, corresponde àquilo que Bakhtin e Volochinov (2004) mencionaram (ao apresentarem a ordem metodológica para estudo

da língua) como “[...] o exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 124). Por formas da língua entendemos os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais (em enunciados verbais); ou cores, figuras, imagens, tamanho das letras etc. (em gêneros multimodais), selecionados pelo autor do texto-enunciado em função do que dizer, para quem, quando, onde, por que, ou seja, em função da dimensão extraverbal. Nas palavras de Bakhtin,

Chamamos de *estilo à unidade* de procedimento de enformação e acabamento da personagem e do seu mundo e dos procedimentos, por estes determinados, de elaboração e adaptação do material. [...] O grande estilo abarca todos os campos da arte ou não existe, pois ele é, acima de tudo, o estilo da própria visão de mundo e só depois é o estilo da elaboração material (BAKHTIN, 2003, p. 186, grifos do autor).

Reafirmamos, a partir das palavras do autor, que o estilo está ligado tanto ao gênero como ao processo de autoria. Em relação ao gênero, o autor explica que “[...] no fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 266). Logo, em cada esfera são produzidos textos-enunciados de determinados gêneros que apresentam um determinado estilo. Por outro lado, todo enunciado “[...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual” (BAKHTIN, 2003, p. 265), o que corresponde ao estilo próprio do autor.

E quanto à construção composicional, o terceiro elemento constituinte do gênero, diz respeito “As formas das distintas enunciações, dos atos de falas isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos [...]” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 124). Essa orientação que consta na “ordem metodológica para estudo da língua”, corresponde, conforme Acosta-Pereira (2012), à disposição, à orquestração e ao acabamento do enunciado, levando em consideração os participantes da interação. Trata-se, assim, dos elementos que organizam estruturalmente o enunciado, mas que não se resumem em formas rígidas, pois todo gênero se revela dentro de uma dimensão fluida e dinâmica, tendo em vista o próprio estilo que o autor pode lhe conferir nos limites instáveis do contexto. Como afirma Rodrigues (2001), “[...] na produção do enunciado, é a noção acerca da forma do enunciado total, isto é, de um gênero do discurso específico, que coloca o discurso em determinadas formas composicionais e estilísticas” (RODRIGUES, 2001, p. 44). Ou, de acordo com Bakhtin (2003), a forma composicional está ligada a uma “[...] forma padrão relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 2003, p. 301).

Enfim, são esses três elementos – *conteúdo temático, estilo e construção composicional* – que correspondem à dimensão verbal do gênero e que devem ser analisados no estudo de um texto-enunciado na perspectiva de compreender o *ser expressivo* e seu discurso.

Tendo em vista essa orientação teórico-metodológica para estudo da língua, intencionamos apresentar, a seguir, uma possível orientação para a análise de texto(s)-enunciado(s), conforme a ordem metodológica para estudo da língua. Para isso, atentamos, primeiramente, para o estudo da dimensão extraverbal (social) e, em seguida, para sua dimensão verbal (ou verbo visual).

5 Uma proposta de percurso metodológico para análise

Ao considerarmos a teoria bakhtiniana como base teórico-metodológica para a pesquisa qualitativa em ciências humanas, cumpre-nos, ainda, propor um possível caminho para a análise de um texto-enunciado que seja tomado como objeto de estudo na perspectiva de compreender o sujeito – *ser expressivo e falante*. Todavia, destacamos que muitas são as possibilidades de tornar viável o método sociológico. Esta é apenas uma delas e, ao apresentarmos aqui essa orientação, não pretendemos esgotar, de forma alguma, os possíveis encaminhamentos.

5.1 Orientações para análise da dimensão extraverbal (social)

Bakhtin (2003) entende que o estudo da linguagem deve considerar, antes de tudo, a natureza do enunciado; Volochinov e Bakhtin (1926) ressaltam a necessidade de se atentar, no estudo de um texto-enunciado, para sua dimensão extraverbal. Sob essa orientação, vamos apresentar, primeiramente, alguns questionamentos importantes que podem nos conduzir na compreensão dos elementos extraverbais que envolvem um texto-enunciado tomado como objeto de estudo.

Para melhor sistematizá-los, organizamos o quadro seguinte:

Contexto de produção do gênero e texto-enunciado em estudo	
Elementos do contexto de produção	Perguntas que podem ser feitas para orientar um estudo sobre o contexto de produção de um texto-enunciado
Horizonte espacial e temporal	Onde é produzido?
	Qual é a esfera social de produção?

		Quando é produzido/ publicado? (momento histórico de produção)
		Qual é o veículo de circulação
		Qual é o suporte de circulação?
Horizonte temático		Qual é o seu tema ou conteúdo temático?
		Com que finalidade foi produzido?
Horizonte axiológico	Interlocutores	Quem é que produz esse texto-enunciado?
		Qual é o papel social do autor?
		Para quem é produzido?
		Que imagem o autor faz de seu interlocutor?
		Qual é a atitude valorativa dos participantes?

Quadro 1: Questionamentos que podem direcionar a análise da dimensão social do gênero
Fonte: Organizado por Costa-Hübes (2017) a partir de estudos pautados em Volochinov e Bakhtin (1926), Rodrigues (2001), Acosta-Pereira (2012) e Brocardo (2015).

Conforme já explanamos anteriormente, quando exploramos o *horizonte espacial e temporal* de produção de um texto-enunciado, voltamo-nos mais precisamente para a natureza desse enunciado, ou seja, como pesquisadores, procuramos resgatar seu lugar e momento de produção. Isso é possível quando investigamos o campo de atividade humana em que o texto-enunciado foi produzido e reconhecemos o veículo e o suporte que permitiram que ele chegasse até nós. Por exemplo, se o objeto de estudo fosse um (ou vários) texto(s)-enunciado(s) do gênero carta do leitor, cumprir-nos-ia, como pesquisadores, resgatar em que suporte/veículo aquela(s) carta(s) foi(ram) publicada(s) para, a partir dessa informação, pesquisar o campo de atividade humana em que esse veículo e suporte estão inserido. A partir daí, ficar-nos-ia mais próximo o reconhecimento do posicionamento político e ideológico que certamente influenciou na maneira como o texto-enunciado foi produzido e publicado; compreender melhor o gênero em estudo e reconhecer outros gêneros produzidos por campo de atividade humana e o diálogo que pode haver entre o gênero e seu campo de produção; identificar as condições sócio-históricas de produção do gênero em estudo e seu veículo e suporte de circulação. Esses elementos, dentre outros, acarretam uma carga ideológica e valorativa, de modo que afetam diretamente no projeto discursivo do(s) sujeito(s) autor(es) em questão. Logo, não há como desconsiderá-los em uma pesquisa que objetiva compreender o *sujeito expressivo e falante* que se revela por meio de seu discurso.

O *horizonte temático* de texto(s)-enunciado(s) em estudo corresponde àquilo que move a interação, o tema do qual se fala, o campo ideacional que foi motivado por uma necessidade de dizer, por interesses específicos; que foi organizado em função do tempo, do espaço, do(s) interlocutor(es) envolvido(s); por isso, deve ser compartilhado entre os sujeitos em interação. O tema da enunciação – ou conteúdo temático – é o que organiza

o projeto de dizer, estabelecendo sua unidade de sentido e sua orientação ideológica específica. Por estar diretamente ligado ao texto-enunciado, o tema da enunciação é único, individual e irrepitível porque ele representa a situação histórica concreta que deu origem à enunciação. Logo, identificar o tema e sua finalidade de produção é condição fundamental para que a pesquisa avance e adquira maiores proporções. No estudo de cartas dos leitores, por exemplo, é preciso, antes de tudo, resgatar a sua motivação: por que tal(is) carta(s) foi(ram) produzida(s)? Qual foi a motivação? Sem essa contextualização é impossível vislumbrar o horizonte temático daquele objeto em estudo.

E, finalmente, o *horizonte axiológico* corresponde à valoração que os interlocutores assumem em relação ao tema e à situação que o envolve e que motivou a interagirem. Nesse caso, é importante que o pesquisador compreenda as relações dialógicas que organizam o discurso e identifique os posicionamentos, a ideologia, os valores sociais que perpassam o(s) texto(s)-enunciado(s). Enfim, qual a *avaliação presumida* que os interlocutores fazem do tema e da situação. Só, então, o pesquisador terá condições de tecer sua própria avaliação em relação ao que está sendo estudado. Para subsidiar tal análise, é importante saber mais sobre o(s) autor(es) e seu(s) interlocutor(es): quem é(são), que papel social ocupa(m), sobre o que escreve(m)/fala(m), para quem. Essas informações, por exemplo, propiciarão maior compreensão de determinado posicionamento axiológico em uma carta do leitor (ou em qualquer outro gênero), tendo em vista que as palavras não são neutras. Segundo Bakhtin e Volochinov (2004), elas sempre são selecionadas em função do outro e carregadas de ideologia.

Com esses três elementos – *horizonte espacial e temporal*, *horizonte temático e horizonte axiológico* – temos um possível percurso para compreender melhor a dimensão extraverbal (social) do(s) texto(s)-enunciado(s) em estudo.

5.2 Orientações para análise da dimensão verbal (ou verbo visual)

Na análise de sua dimensão verbal (ou verbo-visual), Bakhtin (2003) destaca a importância de compreendermos os elementos constituintes dos gêneros, quais sejam: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Na perspectiva de apontar um possível encaminhamento nessa direção, também criamos um quadro (quadro 2) no qual constam alguns questionamentos que podem orientar a análise de texto(s)-enunciado(s) selecionado(s) para um estudo. Vejamos:

Dimensão verbal	
Conteúdo Temático	Qual é o conteúdo temático presente no texto-enunciado?
	Como a autora se coloca diante do tema abordado?
	Que discursos são possíveis de identificar? Como eles se revelam no texto-enunciado?
	Como os discursos se colocam diante do tema?
Construção Composicional	Qual o plano textual global ou a organização geral do texto-enunciado?
	Esse plano textual corresponde a que gênero discursivo?
	Qual a sequência discursiva predominante? Por que ela predomina?
Estilo do gênero e do autor	Há pronomes empregados na primeira ou segunda pessoa do discurso? Qual a relação desses pronomes com o conteúdo temático e a construção composicional do texto-enunciado?
	Há presença de dêiticos? Quais? Em que eles incidem sobre o conteúdo do texto-enunciado?
	Qual o tempo verbal predominante? Qual a relação desse tempo verbal com a construção composicional do gênero e com o conteúdo do texto-enunciado?
	Há, no texto-enunciado, modalizadores? Quais? Por que foram empregados?
	Que elementos da coesão referencial se destacam? Esses elementos são importantes para a organização do conteúdo temático e da construção composicional do texto-enunciado? Por quê?
	Que elementos da coesão sequencial se destacam? Esses elementos são importantes para a organização do conteúdo temático e da construção composicional do texto-enunciado? Por quê?
	Como se organizam os períodos e frases do texto-enunciado em estudo? Essa organização tem relação com a construção composicional do gênero? E com o conteúdo temático do texto-enunciado? Por quê?
	Como se classificam as palavras: predominam os adjetivos, substantivos, advérbios ou verbos? Ou que outra classe de palavras? Como pode ser justificada essa seleção lexical quando as relacionamos com o conteúdo temático do texto-enunciado em estudo?
	No texto-enunciado, há o emprego de diferentes linguagens? Quais? Essas diferentes linguagens correspondem ao gênero em análise?
	Que sinais de pontuação predominam? De que maneira os sinais de pontuação contribuem para a construção do sentido do texto-enunciado?

Quadro 2: Questionamentos que podem direcionar a análise da dimensão verbal (ou verbo-visual) do gênero

Fonte: Elaborado por Costa-Hübes (2017), a partir dos estudos da dimensão social e verbal do gênero (BAKHTIN 2003; RODRIGUES, 2001; ACOSTA-PEREIRA, 2012; BROCARD, 2015), em diálogo com Machado e Cristovão (2009) quando tratam do Modelo Didático do Gênero.

Ao tratar do conteúdo temático, aprofunda-se, de certa forma, o que já foi discutido e sondado no *horizonte temático*. As questões que apresentamos para esse item procuram destacar a importância do reconhecimento do tema que está posto em discussão e do posicionamento assumido pelo sujeito autor, na perspectiva de vislumbrar sua atitude valorativa diante do tema, enfim, seu posicionamento político e ideológico. E, nessa direção, é importante atentarmos para as tramas discursivas que organizam o(s) texto(s)-

enunciado(s) em estudo, na perspectiva de percebermos os discursos que se apresentam como marcas da relação dialógica assumida pelo autor.

Ao olharmos para a construção composicional do(s) texto(s)-enunciado(s), é importante reconhecermos as especificidades do gênero em estudo. Geralmente, a maneira como os textos-enunciados se organizam, seu plano textual, apontam para a identificação do gênero. Todavia, nem todos os gêneros são, assim, tão facilmente identificáveis, devido à sua plasticidade. Embora a construção composicional esteja, de alguma forma, relacionada à estrutura formal do gênero, não podemos aprisioná-la em formas estruturais rígidas, haja vista que todo gênero se organiza dentro de uma dimensão fluida e dinâmica, tendo em vista o próprio estilo que o autor pode lhe conferir, dentro dos limites instáveis do contexto. Quando se trata de uma carta, de uma notícia, de um artigo de opinião, por exemplo, são gêneros que apresentam características mais definidas e que podem ser mais facilmente identificados. Todavia, há outros, como conto e crônica, que nem sempre se revelam em seu plano textual global. Precisamos ler os textos-enunciados atentamente e contextualizá-los para reconhecer o gênero ao qual pertencem.

Finalmente, quando atentamos para o estilo do(s) texto(s)-enunciado(s) em estudo, estamos olhando para as escolhas linguístico-discursivas do(s) autor(es) em função do gênero selecionado e/ou de seu querer dizer. Essas escolhas incidem diretamente no conteúdo temático e na construção composicional do gênero em foco. Trata-se, assim, de identificar, em textos verbais, elementos que nele(s) predominam, tais como: pronomes, dêiticos², tempos verbais, modalizadores³, coesão sequencial e referencial, características de períodos e frases, seleção lexical, dentre outros. Quando se trata de um texto-enunciado verbo-visual (que contempla diferentes linguagens como cores, imagens, escrita etc.), além dos elementos já apontados, é importante atentarmos para o predomínio das cores, o tamanho das letras, as imagens em destaque, o posicionamento das imagens no texto etc. A análise de todos esses elementos é fundamental porque nos ajudam a compreender melhor o horizonte temático e a atitude valorativa dos interlocutores envolvidos, tendo em vista que, segundo Bakhtin e Volochinov (2004), as palavras são uma ponte que ligam o locutor a seu(s) interlocutor(es); logo, elas são selecionadas em função do que, para quem, quando e onde

² Os elementos dêiticos assumem uma referência exófora, que segundo Marcuschi “[...] diz respeito a elementos que [...] chamamos de ‘externos ao texto’ e recuperáveis na situação diretamente ou por aspectos cognitivos, conhecimentos partilhados etc.” (MARCUSCHI, 2008, p. 110).

³ Segundo Koch, “[...] consideram-se as modalidades como parte da atividade ilocucionária, já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz” (KOCH, 2011, p. 72).

dizer/escrever. Reconhecê-las é uma forma de compreendermos o *sujeito expressivo e falante* que se revela por meio do discurso.

6 Considerações finais

Ao organizarmos esse texto, nosso objetivo foi de tecer reflexões teórico-metodológicas sobre pesquisas em ciências humanas que se inscrevem na teoria de Michail Bakhtin. Nesse viés, procuramos alicerçar teoricamente o objeto de estudo, compreendido aqui como o *sujeito expressivo e falante* que se revela por meio de textos-enunciados. Sendo assim, o ponto de partida de qualquer pesquisa em ciências humanas que se sustente nessa base epistemológica é o texto.

Uma vez definido o objeto de estudo, avançamos para o método que orienta sua análise. Nesse caso, sustentamo-nos no método sociológico bakhtiniano, considerado como a ordem metodológica para o estudo da língua que parte sempre do contexto social para a compreensão de um discurso. E, dentro dessa orientação, definimos a dimensão extraverbal (social) e verbal (verbo visual), explicitando alguns elementos que podem ser explorados em uma atividade de estudo e pesquisa, quando temos o texto-enunciado como ponto de partida.

Com isso, esperamos ter contribuído com os pesquisadores da linguagem que, ao desenvolverem suas pesquisas em ciências humanas, procuram compreender o sujeito expressivo e suas diferentes formas de manifestações.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. **Gênero carta de conselhos em revistas online**: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda. 2012. 259 p. Tese (Doutorado em Linguística), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BAKHTIN, M. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 207-211.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B (Org.). **Dialogismo e construção de sentidos**. 2.ed.rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p.87-98

BROCARD, R. O. **O gênero carta do leitor em diferentes suportes e mídias: uma análise de aspectos linguístico-discursivos.** 2015. 200 p.. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015.

COSTA-HÜBES, T. da C. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v.7, n.14, p. 270-294, 2017.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MACHADO, A. R.; CRISTÓVÃO, V. L. A Construção de Modelos Didáticos de Gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. In: ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTÓVÃO, V. L. (Orgs.). **Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais/textos de Anna Rachel Machado e colaboradores.** 1.ed. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 123-152.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RODRIGUES, R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo.** 2001. 356 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Centro de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

SOUZA, S. J.; ABULQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2012.

VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, M. **Discurso na Vida e Discurso na Arte** (sobre a poética sociológica). Trad. De Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. 1926. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo.

Recebido em: 22 de agosto de 2017.

Aceito em: 11 de outubro de 2017.